

ENTRE FOTOGRAFIAS, ANÚNCIOS E CARTÕES POSTAIS: OS DISCURSOS MÉDICOS PRODUZINDO IMAGENS DE BELEZA E SAÚDE NA BELLE ÉPOQUE PAULISTANA

Marcia Barros Valdivia¹

RESUMO

Esse artigo reflete sobre os discursos médicos proferidos na Belle Époque como os da eugenia e do higienismo sobre a beleza, as práticas de embelezamento e os elementos culturais residuais daquele contexto ainda presentes no século XXI. Para esse fim, faz-se necessário problematizar e dar visibilidade aos padrões de beleza no século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

Palavras-chave: História; eugenia; higienismo; beleza.

ABSTRACT

This postdoctoral Project intends to study the medical arguments given at the Belle Époque, such as those of eugenics and hygienism about beauty, beautification practices and the residual cultural elements of that context still present in the 21st century. Therefore, it is necessary to problematize and give visibility to the beauty standards in the 19th century and in the first decades of the 20th century.

Keywords: History; eugenics; hygienism; beauty.

¹ Doutora em história social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo docente das disciplinas de Teoria e História Geral e do Brasil e História da Arte no curso de arquitetura e urbanismo da Unib . E-mail: <darasherazade@yahoo.com.br>

Este artigo faz parte dos estudos que organizaram a redação da Tese de Doutorado “A São Paulo Glamourosa². Encantos e desencantos (1949 a 1959)”³. As reflexões vêm sendo amadurecidas com as discussões acadêmicas propostas pelo Núcleo de Estudos de História Social da Cidade – NEHSC – da PUC-SP, através de palestras e encontros realizados com os alunos de Pós-Graduação do *Lato Sensu* (especialização) e do *Stricto Sensu* (Mestrado e Doutorado); nas aulas ministradas no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Ibirapuera como também nas discussões do grupo História e Memória da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. As recentes atividades do NEHSC permitiram aprimorar as inquietações a respeito do tema referente à beleza, ao discurso médico e à relação com o sofrimento em busca da estética perfeita.

A década de 50 é reproduzida pelo clichê “Anos Dourados”. Nesse caso, o clichê pode ser entendido como um rótulo idealizado através de todo o arquétipo⁴ de exaltação à década, assim como a

²O substantivo masculino *glamour* vem do idioma inglês e tem como significado: atração, sedução e charme. Não foi encontrado nos dicionários de língua portuguesa o adjetivo *glamourosa*. Optou-se, portanto, por escrever o referido adjetivo com o acréscimo do sufixo *osa* ao adjetivo *glamour*, para expressar a interferência dos valores estadunidenses sobre a cultura de massa brasileira. Vale ressaltar que, em diversos livros de autores renomados, encontrou-se o referido adjetivo escrito da mesma forma, a qual optou-se por escrevê-lo. “*No centro novo são cada vez mais frequentes as glamourosas salas de cinema hollywoodianos.*” Cf. GAMA, Lúcia Helena. *Nos Bares da Vida*. Produção cultural e sociabilidade em São Paulo (1940-1950). São Paulo: SENAC, 1998, p. 195.

³VALDÍVIA, Márcia Barros. *A São Paulo Glamourosa*. Encantos e Desencantos (1949-1959). Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC-SP, 2008.

⁴A palavra arquétipo tem sentido na teoria psicanalítica de Jung. Segundo o autor, são “disposições hereditárias que fazem parte do “inconsciente coletivo” que se exprimem sob a forma de imagens ou mitos.” In JUNG, C. G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, Vol. I. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 94.

pesquisa e as reflexões, as quais construíram a Tese “A São Paulo Glamourosa. Encantos e Desencantos”, detectaram mediante as preocupações e as inquietações com o consumo de drogas⁵, em especial o álcool, por ser uma substância lícita na sociedade ocidental atual e na referida época.

Uma constatação do referido estudo de doutorado foi que Maysa Matarazzo, através de sua figura criada e exposta pela indústria cultural, trouxe a tristeza em forma de beleza, esta que fez parte do imaginário do período com muita intensidade. Outra percepção sobre a época foi que, até mesmo as propagandas de produtos destinados à higiene e à desodorização dos corpos trouxeram uma mensagem de poder e conquista. As imagens abaixo, sendo a primeira a da capa do álbum-convite para ouvir Maysa do ano de 1956, e a segunda a propaganda de sabonetes retirada da revista *O Cruzeiro*, 25 de agosto de 1957, comprovam a análise feita.

⁵O termo “droga” está ligado à palavra *droog* que, do holandês antigo, século dos séculos XVI e XVII, traz como significado “folhas secas”. Isso porque, na época, a maioria dos medicamentos era feita à base de vegetais. A Organização Mundial de Saúde classifica como droga toda substância capaz de modificar a função dos organismos vivos, resultando em mudanças fisiológicas e/ou psíquicas. Esse conceito abarca as substâncias lícitas e/ou ilícitas de uso social e/ou festivo, como também medicinal. Para os estudos de pós-doutorado, estudar o consumo de substâncias que levam ao embelezamento se faz pertinente.

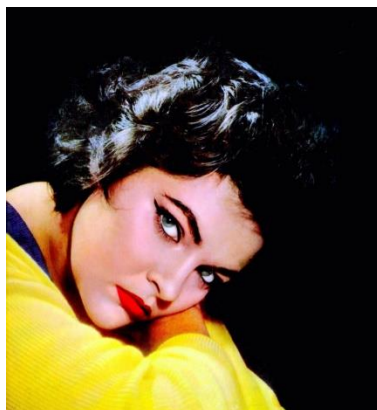


Figura 1 – Álbum LP-convite para ouvir Maysa 1956.



Figura 2 – Revista O Cruzeiro, 25 de agosto de 1957.

As muitas leituras trouxeram vários resultados, parte deles estão registrados neste artigo, onde é dado ênfase às práticas de embelezamento anterior à década de 50. Sendo assim, é importante recuperar os discursos da medicina, em especial o da eugenia/higienismo⁶, os quais atuaram nos espaços citadinos

⁶Eugenia, palavra derivada da língua grega, é um termo que foi criado em 1883 pelo cientista inglês Francis Galton (1822-1911), e que significa “bem nascido”. Galton definiu eugenia como o estudo dos agentes biológicos sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações, sejam essas físicas ou mentais. Os primeiros textos sobre eugenia surgiram no Brasil no início do século XX, através de publicações da imprensa e de artigos acadêmicos no âmbito da medicina. Em 1918 foi fundada a Sociedade Eugênica de São Paulo, fazendo do Brasil o primeiro país da América do Sul a sediar tal gênero de comunidade. A Sociedade reuniu mais de cem associados, dentre eles engenheiros, jornalistas, médicos e alguns nomes da elite intelectual da época, todos liderados por aquele que foi considerado o pai da eugenia no Brasil, médico e também farmacêutico Renato Ferraz Kehl. Sobre esse assunto confira: DIWAN, Pietra. *Raça Pura*.

paulistano e ajudaram a formar corpos e rostos belos de homens e mulheres nos finais do século XIX e início do XX, período que ficou conhecido como Belle Époque. Com isso, é também possível estudar a efervescência cultural do consumo de produtos e práticas de embelezamento na modernidade e, assim, refletir sobre a permanência de certos comportamentos herdados daquele período na atualidade como, por exemplo, a cintura ampulheta.

“Com o passar das eras, o corset passou a ser mais ricamente enfeitado e confortável. Durante a Era Vitoriana era peça indispensável do vestuário feminino, servindo de base para assentar as demais roupas. Em 1920, seu uso foi praticamente abandonado, uma vez que as mulheres passaram a fazer parte da classe trabalhadora, deixando de lado os quilos extras de roupas para usar roupas mais práticas e leves. O espartilho passou a fazer parte do fetiche e fantasias sexuais. Na década de 50, quando voltou a moda da cintura fina, as mulheres optaram pelo uso de cintas de elástico, tendo o corset seu retorno nos anos 70, sendo alguns estilistas os responsáveis por tal fato. E finalmente, nos dias de hoje, o corset permanece vivo, sendo visto como forma de apelo sexual, e usado principalmente como fetiche”.⁷

Uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007. Vale ressaltar que, também nos finais do século XIX e início do século XX, chegavam ao Brasil teorias para a aplicação de práticas sobre um novo ideal de civilização cujo eixo era a preocupação com a saúde da população coletiva e individual. Suas propostas residiam na defesa da saúde e educação pública e no ensino de novos hábitos higiênicos. Sobre esse assunto cf: HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento*. São Paulo: Hucitec, 1998.

⁷Corset, Corselet e Espartilho. Disponível em: <http://meumundoavulso.blogspot.com/2014/06/corset-corselet-corpete-e-espartilho.html>

Como também, JARDINS, Hernandes Marília. *O corset na moda ocidental: Um estudo sociosemiótico sobre a construção do torso feminino do século XVIII ao XXI*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2014.

Os discursos médicos, como os eugênicos e higiênicos, têm íntimas relações com a formação do indivíduo belo e saudável mediante às práticas de embelezamento e o consumo de produtos para essa determinada finalidade, onde ainda é perceptível os elementos culturais residuais⁸ da Belle Époque presentes até à atualidade. Para esse fim, faz-se necessário problematizar e dar visibilidade a esse tipo de comportamento no século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

O processo de gentrificação - versão aportuguesada de *gentrification gentry*, “pequena nobreza”, conceito este criado pela socióloga britânica Ruth Glass (1912-1990) - ajuda a descrever e analisar as transformações observadas em diversos locais das grandes cidades, como o caso da cidade de São Paulo. As remodelações urbanísticas e arquitetônicas acabam segregando determinados sujeitos que não pertencem à determinada classe social e que, por isso, não devem ocupar a mesma paisagem urbana daqueles que podem consumir naquele local, em lojas e restaurantes requintados, circulando com seus automóveis ou como pedestres sempre muito bem vestidos, calçados e perfumados. Basta observar determinados espaços e lugares para perceber que a riqueza tem aroma, sabor, gestos, vestes, e as pessoas que dela desfrutam tem um modo muito próprio de viver e experimentar a vida em seus próprios corpos. Para poder perceber os resíduos do século XIX na atualidade, faz-se necessário rememorar o período em diálogo com o tema e a produção

⁸Sobre os elementos culturais dominantes, emergentes e residuais confira: WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

bibliográfica, e, portanto, torna-se pertinente localizar o tema na historiografia.

As mudanças no modo de produção capitalista, na economia e na sociedade ocorridas nas cidades de países europeus como o caso de Paris, na França, de Londres, na Inglaterra, e em outros lugares e espaços a partir da metade do século XIX, inauguraram um período de cultura cosmopolita na história do espaço urbano que ficou conhecido como Belle Époque, que significa “bela época”.

Os fatores modificadores estéticos estiveram relacionados ao desenvolvimento do uso de novos materiais e das novas tecnologias. A arquitetura passou a utilizar o ferro e o vidro nas edificações construídas para a burguesia. Vale apontar que, a partir daquele momento, os arquitetos e engenheiros tiveram a ousadia de começar a construir os arranha-céus como os edifícios arquitetados pela Escola de Chicago na década de 70 do século XIX.

A estética neoclássica e o movimento artístico dos arquitetos revivalistas europeus também chamados de historicistas, expressão artística que surgiu no final do século XVIII com suas estéticas expressas no estilo eclético, tiveram destaque nas construções no século XIX, e celebraram através das remodelações do espaço urbano e das edificações arquitetônicas o Estado burguês europeu. Tudo isso ocorreu diante da sociedade mediante ação do capitalismo em sua fase industrial e financeira, entre meados do século XIX e início do XX.

Diversas mudanças ocorreram mediante os projetos de higienização e sanitarismo urbano europeu que colocaram em diálogo

os discursos médicos com a arquitetura e o urbanismo. Um exemplo bastante conhecido foram as reformas da cidade de Paris na gestão do prefeito Georges-Eugène Haussmann entre os anos de 1851 e 1870, que conseguiu transformar Paris naquilo que Napoleão III queria, a capital da modernidade. O plano foi converter Paris em uma cidade bela e higienizada através da arquitetura, onde a burguesia podia exibir seus corpos higienizados e desodorizados em trajes elegantes nos cafés parisienses.

Outro aspecto bastante relevante foi a tecnologia aplicada ao cotidiano social, como a iluminação das cidades com a luz elétrica, as redes de telefone, de telégrafo sem fio, o uso do automóvel, do avião, entre outros elementos que ofereceram novas percepções humanas da realidade, como por exemplo, o cinema, que a partir de 1895 tornou-se uma atraente forma de diversão e um meio divulgador de padrões de comportamento.

O que também marcou o referido contexto histórico foram as intensas manifestações culturais expressas nos gestos, nos hábitos sociais e nas vestimentas de homens e mulheres, que demonstravam novas formas de pensar e viver nas cidades através do modo de vida burguês.

O Brasil sofreu influência desse novo estilo, em que a beleza e a elegância fizeram parte das normas sociais que foram justificadas por discursos da hegemonia. Entre eles, estava o discurso médico, que divulgava a estreita relação entre beleza e saúde.

Entre o final do século XIX e primeira metade do século XX, a cidade de São Paulo, entre outras, como o Rio de Janeiro, capital da república, foram modelos expressivos da Belle Époque no Brasil inspiradas nos modelos do urbanismo Haussmanniano. Cidades belas e higienizadas, como a São Paulo nos finais do século XIX e início do XX, foram o cenário para que as elites pudessem viver e exibir-se, também, como belos e burgueses.

A beleza da arquitetura de estética neoclássica foi inserida no Brasil aos poucos, a partir da fuga da família real, que desembarcou no Brasil em 1808. Em 1816 chegou ao Brasil a Missão Francesa artística contratada para fundar e dirigir, no Rio de Janeiro, a Escola Real de Artes e Ofícios. O urbanismo e a urbanização brasileira foram alicerçados cada vez mais nos modelos da arquitetura europeia durante esse período. A partir da segunda metade do século XIX, a Paris de Haussmann passou a ser um referencial para as principais capitais brasileiras, como Manaus, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Fortaleza entre outras, que receberam os desdobramentos do estilo expresso no ecletismo arquitetônico, como na beleza da Art Nouveau, e posteriormente da Art Déco nos finais do século XIX e início do XX. Para fazer uma cidade bela e saudável, muitas exclusões sociais ocorreram e demarcaram a posição social de diversos grupos na cidade.

A Belle Époque brasileira teve seu início entre o final da década de 70 do século XIX e desenvolveu-se até a década de 20 do século XX. Entretanto, importante pensar que não é possível demarcar o

período de forma tão rigorosa, uma vez que os aspectos culturais desse estilo de vida podem ser encontrados em alguns anos anteriores e, também, posteriores à referida temporalidade. Dessa forma, houve a europeização dos hábitos e costumes na sociedade brasileira. Vale ressaltar que, no início, os capitais dos modelos agroexportadores foram investidos na industrialização do país e, a partir daí, foram somados aos lucros do desenvolvimento industrial. Dessa maneira é que foram financiadas as obras da engenharia e da arquitetura no meio urbano.

A arquitetura e a engenharia dialogaram com o discurso médico, onde o significado do belo estava vinculado à ideia de saúde e vice-versa. Assim, esses dois conceitos caminhavam juntos no corpo cidadão e no corpo humano, onde homens e mulheres deveriam cumprir os rituais de *toilette* e aplicar em suas vidas os aconselhamentos da medicina.

As intervenções urbanísticas na cidade de São Paulo oferecem elementos para o conhecimento e o reconhecimento de cada espaço construído ou demolido, como o lugar determinado para ser fronteira de exclusão ou inclusão entre as classes sociais.

Os espaços de moradia, como os bairros, os espaços de lazer, como as confeitarias, os parques, os teatros, entre outros, demarcaram os territórios de requinte, de refinamento, de beleza e salubridade, ocupados e frequentados pela elite em oposição àqueles considerados deteriorados, feios e insalubres, como as moradias dos bairros

operários, os cortiços, os botequins, os portos, entre outros. No caso da cidade de São Paulo:

“Aliás, as estratégias desodorizantes fundadas nas mitologias pré-pausterianas não são questionadas, mas reafirmadas: mais do que nunca o povo infecto e nojento aparece como ameaça a saúde do burguês perfumado.”⁹

A cidade de São Paulo permaneceu com aspectos rurais até por volta do ano de 1870. Apesar de no ano de 1872 a população ter chegado a, aproximadamente, 32 mil habitantes, apenas 20 mil pessoas moravam no perímetro urbano. A ocupação dessa área não avançava muito além do núcleo colonial inicial no Pátio do colégio. Próximos a essa área, ficavam as casas, os casebres e os estabelecimentos comerciais, como a padaria Santa Tereza, inaugurada por imigrantes portugueses em 1872, e que se mantém em funcionamento até hoje em endereço diferente. Além disso, com o passar dos anos, houve a expansão urbana pelo vale do rio Anhangabaú. Os visitantes e os imigrantes que desembarcaram no porto de Santos encontraram a cidade portuária e a cidade de São Paulo fétidas, sujas e mal iluminadas, em contraste com os centros europeus, como Paris, que já havia passado pelas reformas urbanísticas.

Faltavam, em São Paulo, vários recursos indispensáveis aos centros urbanos, que seriam remodelados com inspiração nas cidades europeias. Nos decênios de 1860 e 1870, aspectos e hábitos rurais

⁹RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da sociedade disciplinar – Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 175.

ainda eram visíveis nas ruas paulistanas, como a presença de animais circulando pelas ruas, a insuficiência de iluminação pública e residencial. Também eram precários o sistema de canalização de águas, o serviço de esgotos, o calçamento regular e a coleta de lixo¹⁰.

Houve, também, a fiscalização dos corpos humanos mortos por meio de normas de higiene e saúde que entraram em vigor no século XIX e que, na prática, resultaram em ações como a construção de cemitérios, entre eles, o da Consolação, inaugurado em 1858. Sendo assim, a cidade precisava tornar-se salubre do ponto de vista médico, este que dialogava com o Estado, com os engenheiros e os arquitetos, que propunham remodelações que seriam concluídas, efetivamente, no final do século XIX e início do XX.

Localizada em regiões fluviais, São Paulo também enfrentou, na época, o problema com as águas dos rios Anhangabaú, Tamanduateí e Tietê. Desde a gênese da formação da cidade com o colégio jesuíta, os rios serviam de vias de comunicação, transporte e ainda confirmavam a presença de terras férteis para pesca e o plantio. As águas também dessedentavam e banhavam os homens e os animais não somente no período colonial, mas, também, durante o império.

Os cuidados contra a contaminação, a necessidade de canalização e distribuição das águas na cidade de São Paulo foi, em geral, insuficiente e desigual. Esses, entre outros fatores, geraram

¹⁰Sobre esse assunto cf: VALDÍVIA, Márcia Barros. *A Belle Époque arquitetada através da ótica médica. Entre o construir, o demolir e o segregar*. In: AVELINO, Yvone Dias. *Tecituras das Cidades. História, Memória e Saúde*. São Paulo: Paco, 2017.

complicações de higiene e saúde de difícil solução por parte da administração pública da província paulistana.

Práticas como enterrar ou jogar animais domésticos mortos nas margens dos rios, despejar lixo e excrementos das casas ou lojas comerciais, ou restos dos matadouros, realizar rituais religiosos, entre outros fatores, fizeram com que as águas se tornassem sujas. Esse problema de contaminação levou à separação e à desvalorização das águas sujas em relação às águas limpas, que passaram a ser disputadas nos chafarizes, nas fontes, nas caixas e barris-pipas.

Além dos problemas com as águas, as moradias da população em geral eram péssimas devido aos defeitos nas instalações sanitárias e nas construções como, por exemplo, nos alicerces das casas, o que gerava umidade e a proliferação de fungos e bactérias. Esses problemas também eram encontrados nas casas daqueles que tinham melhores condições financeiras. As doenças mais comuns, naquele período, eram: malária, também chamada de impaludismo; varíola, também conhecida como epidemia de bexigas, porque os portadores ficavam cheios de bolhas pelo corpo; febre tifoide; lepra, também chamada de morfeia ou mal de Lázaro; tifo, difteria, escarlatina, meningite, tuberculose, entre outras, além das mentais, psíquicas e sexualmente transmissíveis, como a sífilis, que preocupavam tanto os médicos como a população em geral.

Muitos imigrantes traziam, além das malas com os seus pertences, os vírus, as bactérias e os parasitas de muitas dessas enfermidades. Desembarcavam no Brasil com muitos males de saúde,

o que gerava mais um agravante diante de tantas dificuldades que precisavam enfrentar. Muitas dessas enfermidades eram adquiridas nos navios devido às condições de higiene e à alimentação precária além do cansaço dos vários dias da viagem, que já deixavam o organismo de homens, mulheres, jovens e crianças debilitados.

Aos poucos, o ofício do médico e os discursos proferidos pelos estudos da medicina ganharam status social a ponto de dialogar com outras profissões e esferas de poder, sendo exemplo disso a relação do discurso médico com a engenharia, a arquitetura e o Estado. Como resultado dessa relação, foi elaborada uma série de reformas nas cidades seguindo a arquitetura eclética que expressava uma mentalidade elitista. A partir da segunda metade do século XIX, a paisagem urbana deveria ser bela e higienizada. Para isso, deu-se início a uma série de leis e mudanças que alteraram os espaços citadinos e remanejaram vários sujeitos sociais que tiveram sua presença considerada indesejável em lugares destinados especificamente para a elite.

São Paulo foi deixando de ser uma pequena província para ser uma cidade cosmopolita e, também, foi assim inserida no contexto da Belle Époque. Vale dizer que, com a expansão da lavoura cafeeira em várias regiões paulistas, as mudanças econômicas e sociais desde o final do século XIX foram fundamentais para as transformações ocorridas. O capital da exportação do café foi investido na industrialização e na construção da estrada de ferro Santos-Jundiaí, inaugurada em 1867, conhecida como *São Paulo Railway Company*.

O trabalho nas fábricas, assim como nas lavouras, foi feito pelos imigrantes europeus que, após o fim do tráfico negreiro em 1840-1850 e da abolição nacional da escravidão em 1888, chegaram em massa ao Brasil. Esse fator, aliado ao êxodo rural, fez com que a população de São Paulo passasse de 130 mil habitantes em 1895, para 240 mil em 1900.¹¹ A área urbana cresceu, rompendo os limites do perímetro urbano conhecido como triângulo, formado pelas ruas Direita, XV de Novembro e São Bento. O parque industrial paulistano começou a formar-se, transformando, por exemplo, o Brás e a Lapa em bairros operários. As indústrias estavam localizadas próximas aos trilhos da estrada de ferro inglesa. As várzeas alagadiças dos rios Tamanduateí e Tietê, entre outras regiões, foram ocupadas também por imigrantes, entre eles estiveram os italianos, ao lado dos alemães e portugueses, entre outras nacionalidades, como as pessoas afrodescendentes que de posse da alforria não foram inseridas no mercado de trabalho .

Devido à autorização do presidente da República, Campos Salles, a Light, uma empresa canadense que já atuava no Brasil desde 1889, continuou sua ação no início do século XX inclusive no estado de São Paulo, através da construção da Usina Hidrelétrica Edgard de Sousa, em Santana de Parnaíba, concluída em 1901. No ano de 1905 foram instaladas as primeiras lâmpadas elétricas da cidade de São Paulo, na rua Barão de Itapetininga. A empresa contratada foi a *The São Paulo Tramway, Light and Power Company Ltda.* Dois anos depois, as ruas do triângulo foram iluminadas com cinquenta

¹¹Sobre esses dados, confira http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1900.php

lâmpadas de arco fechado e, também a partir de 1900, as primeiras linhas de bondes elétricos começaram a circular.

Dessa forma, a elite paulistana ganhava cada vez mais visibilidade social e investia da mesma forma nas remodelações urbanísticas, como também em uma série de instituições educacionais e culturais, como o Liceu de Artes e Ofícios, que já tinha sido fundado pela aristocracia cafeeira em 1873 e passou a fazer parte do conjunto arquitetônico da Pinacoteca, construção oficialmente inaugurada em 1905. Outro ícone da construção elitista foi o Teatro Municipal, inaugurado em 1911, em uma estética derivada do neoclássico e do revivalismo europeu, que deu origem ao estilo eclético.

Naquele processo, o arquiteto Francisco Ramos de Azevedo e sua equipe tiveram uma enorme visibilidade e construíram diversas obras espalhadas pela cidade. Além disso, é importante mencionar, também, o arquiteto Hipólito Gustavo Pujol Junior e sua equipe, que projetaram e reformaram vários edifícios, dentre eles, o localizado na Rua Álvares Penteado número 112. Construído em 1901, foi comprado pelo Banco do Brasil em 1923 e reformado pelo escritório do referido arquiteto que, com muito capricho, aplicou a estética da arquitetura eclética e elementos da Art Nouveau e da Art Déco na decoração e no revestimento da obra para ser uma agência bancária a partir de 1927. Na nova configuração urbanística, conviviam ao mesmo tempo as obras de estéticas neoclássicas e ecléticas, como o Teatro Municipal de São Paulo, as obras de vanguarda como os arranha-céus que já estavam em construção no Brasil na década de 10

como o Edifício Guinle, inaugurado na cidade em 1913, o edifício Sampaio Moreira, inaugurado em 1924, e o edifício Martinelli, inaugurado em 1929, inspirados na Escola de Chicago.

“Em fins do século XIX, a Escola de Chicago incorpora o espírito emblemático da arquitetura ao despontar como precursora das estruturas em esqueleto de aço, obtendo conquistas técnicas fundamentais para o desenvolvimento da arquitetura. As condições socioculturais dos EUA, país novo e progressista, permitem e potencializam a experimentação e a incorporação do emblema tecnológico à arquitetura.”¹²

Beleza e requinte eram sinônimos de saúde e bem-estar para aqueles que podiam desfrutar das benesses das cidades em exposição, onde as pessoas de posses financeiras saíam às ruas de São Paulo elegantemente vestidas para trocar olhares entre si e olhar as vitrines onde ficavam expostas as roupas, os sapatos, os chapéus, as luvas, as joias, os tecidos, os perfumes e os produtos de *toilette* entre outros que eram desejados.

Nas vitrines também estavam os doces e os salgados dos cafés e das confeitarias. O café com requinte era apreciado por aqueles que podiam pagar por ele, enquanto o café requentado dos estabelecimentos mais humildes, como o das quitandeiras, foi fiscalizado e, por ordem do serviço de sanitização e higienização, muitos foram fechados.

¹²COUTO, José Alberto Ventura. *O papel da Tecnologia na arquitetura modernista de Lucio Costa*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000, pp. 34-43.

“Até metade do século XIX os cafés eram quase inexistentes. Entre 1850 e 1860 funcionou na Rua da Imperatriz, esquina com o Beco do Colégio, a primeira cafeteria da cidade, instalada informalmente na casa de Dona Maria Emilia Vieira, conhecida como Maria Punga. Usando toalha na cabeça, argola de ouro e umas arrudas nas orelhas, ela atendia os estudantes, comerciantes e negociantes. Além disso, ela mesma torrava e socava os grãos num pilão velho.”¹³

Aconteceu que o café comandado por Maria Punga, uma mulata forra, não foi frequentado pela elite paulistana. Afinal, os homens mais importantes da cidade não iriam a um lugar deselegante, gerenciado por uma mulher alforriada. A paisagem do espaço urbano se tornava cada vez mais moderna e civilizada, porém excludente e opressora, porque diante das aparências desveladas houve mazelas não reveladas que merecem tornar-se visíveis através dos estudos citadinos mediante interlocução entre os saberes como aqueles que provém do conhecimento histórico, arquitetônico e outros. É necessário olhar a paisagem urbana e enxergar outros sujeitos, outros símbolos e significados existentes no hibridismo cultural urbanístico que vai além da Belle Époque arquitetada através da ótica médica.

Enquanto isso, a cidade remodelada impunha os limites entre o belo e o feio, o limpo e o sujo, o salubre e o insalubre, entre outras adjetivações discriminatórias. A arquitetura dos teatros, dos cafés e das confeitarias era imponente, o cenário foi edificado para que determinados sujeitos normatizados e com perfis de beleza idealizados

¹³ALVES, Simone. *Influência Francesa nas Cafeterias de Rua da São Paulo do Final do século XIX e Início do XX*. Centro Universitário Fundação Santo André. Relatório Final de Pesquisa para o Programa de Iniciação Científica da CUFSA, PIIC 2012. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Curso de História. Santo André: 2012, p. 12.

tivessem visibilidade. Para que esse objetivo fosse realizado com êxito, discursos hegemônicos como o da medicina, e em especial da eugenia e do higienismo aliados ao Estado, divulgaram valores perfeccionistas que foram formadores de simbologias a respeito da estética e do imaginário referentes à beleza feminina e masculina na Belle Époque nos espaços urbanos entre os finais do século XIX e início do XX.

Os gestos dos engenheiros arquitetos redesenharam a cidade para que determinados sujeitos pudessem compor a paisagem urbana diante do processo da urbanização. Dessa forma, determinados discursos hegemônicos ditavam quais seriam a postura dos corpos, das feições das faces, a indumentária a ser usada para que, com gestos adequados, pudessem ser os homens e as mulheres frequentadores e consumidores na cena urbana. Além disso, os teatros, os restaurantes, os cafés, as confeitarias, com doces e salgados requintados, as lojas de perfumes e produtos de *toilette*, de tecidos, de roupas, de chapéus, de luvas, de sapatos, de joias, de relógios (relojoarias) entre outros artigos como de mobiliários, de tapeçarias e de louças, expunham seus produtos na vitrine para serem comprados. Os passeios para ver vitrines eram formas de ver e ser visto, ou seja, a experiência de exhibir-se tomava conta das vivências daqueles que podiam pagar o preço de bem vestir-se.

Os estudos da historiadora Heloysa Barbuy¹⁴ reconhece que os espaços citadinos foram reformados para serem os lugares da exibição de si mesmo e que, de início, estavam localizados nas ruas Direita, São Bento e XV de Novembro.

“Na arquitetura europeia... os jovens vestidos segundo última moda tomavam um chope, bebida já incorporada aos

¹⁴Segundo a autora, as ruas citadas compunham o que era chamado de “triângulo”, onde iniciaram-se as reformas arquitetônicas para tornar a cidade bela e saudável. Vale ressaltar que o significado de ‘espaço’ nesse estudo é compreendido como o local físico, já o substantivo ‘lugar’ tem como significado à representação afetiva de pertencimento de classe, gênero, hábitos sociais, usos e costumes. Sobre esse assunto cf: TUAN, Hi Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel. 1983.

hábitos paulistanos. Depois vitrines iluminadas pontuavam –lhes os velhos caminhos. Esta, cidade da transição em que conviviam os telhadões e as paredes de barro com a inserção de vários elementos novos... Ao dar conformação material à modernidade, revestida de apelos visuais para o consumo, acelerava o processo de mudanças em curso na urbe e nas mentalidades. Concebidas para a exibição pessoal discreta ou extensiva – quando difundiu o sistema de vitrines nas casas comerciais.”¹⁵.

A beleza é um aspecto sociocultural que tem uma forte ligação com os discursos hegemônicos. A reflexão sobre a relação corpo e cultura se faz pertinente nesse estudo, e, nessa senda, várias questões merecem ser abordadas, entre elas, o consumo de produtos, utensílios e indumentárias para alcançar o objetivo de ser e estar belo como, também, trazer à tona o sentimento de muita infelicidade por causa da busca constante em estar dentro de padrões estabelecidos. Portanto, encontra-se, naquele contexto, sujeitos com grandes insatisfações, sendo submissos a sacrifícios em seus próprios corpos em nome da perfeição. Marcel Mauss, em seus escritos, auxilia a reflexão sobre corpo e cultura quando diz:

“Entendo por essa expressão as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo. Em todo caso, convém proceder do concreto ao abstrato, não inversamente.... essas condições, cabe dizer simplesmente: estamos lidando com técnicas do corpo. O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo. Há razão de estudar todos os modos de adestramento, de imitação e, particularmente, essas formas

¹⁵BARBUY, Heloysa. *A cidade exposição*. Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo 1860-1914. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006. p. 97 e 134.

fundamentais que podemos chamar o modo devida, o modus, o tónus, a "matéria", as "maneiras", a "feição".¹⁶

Inseridos na Belle Époque, os corpos de homens, mulheres e outros sujeitos como crianças e idosos podem ser analisados como textos a serem lidos dentro do contexto. Os hábitos, os gestos, os usos e os costumes, as formas de se comportar nos variados espaços e lugares demarcam as classes sociais e lhes conferem identidade como, também, formas de pertencimento a um determinado grupo. O referido autor alerta que para tudo há um modo de fazer com técnicas que produzem a forma de se apresentar socialmente, e que há especificidades para cada gênero, para cada faixa etária da vida humana como criança, adolescente, jovem e idoso, assim como para cada etnia. Suas reflexões na obra citada falam, também, sobre a alimentação, o repouso, a postura, a higiene e a saúde quando cita esportes variados e, também, a dança. Os cuidados são minuciosos como aqueles que se referem à boca no quesito odontológico, entre outras questões.

“Questões gerais talvez vos interessem mais do que essas longas enumerações de técnicas que apresentei. O que sobressai nitidamente delas é que em toda parte nos encontramos diante de montagens fisio-psico sociológicas de séries de atos. Esses atos são mais ou menos habituais e mais ou menos antigos na vida do indivíduo na história da sociedade.”¹⁷

¹⁶MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. 2003. p. 401-407.

¹⁷Ibidem. p. 420. Vale dizer que esses estudos se dedicam aos corpos masculinos e femininos, embora outros corpos como o corpo infantil estivesse inserido no processo.

O corpo natural, em todas as sociedades, passou a ser o corpo cultural quando foi educado a adquirir gostos, gestos, formas de expressões faciais e, também, consumir produtos. Portanto, há diretrizes a serem seguidas que foram formuladas e divulgadas pelos discursos da hegemonia, onde, entre eles, esteve o discurso médico tão influente até os dias atuais. Aprender a ser um modelo de beleza exigiu daquela sociedade, como bem coloca Mauss (2003), um esforço físico e psicológico, onde as normas são aprendidas, compreendidas, aceitas e introduzidas no modo de vida, e isso pode gerar dor e sofrimento também do ponto de vista físico e psicológico.

Refletir sobre a elaboração dos discursos médicos diante das especialidades da eugenia e do higienismo, a divulgação desses discursos através de propagandas de produtos de higiene e beleza como os chamados de produtos de *toilette* e a incorporação das ideologias hegemônicas através das formas de perceber e transformar o corpo é o grande desafio dessa pesquisa, já que a sociedade esteve diante da imposição daqueles discursos que compuseram o cenário urbano do período. Dessa forma, é importante entender que para vestir e embelezar a cena contemporânea daquela época na cidade de São Paulo como em outros centros considerados civilizados:

“Numerosas práticas canalizam as emoções e os afetos enquanto ‘o’ político assume a violência. Assim ocorre, por exemplo, na sociedade de corte ou, mais recentemente e diferentemente, no esporte, que se revela uma prática regrada que se apodera das emoções, das rivalidades e dos afetos. Uma regulação das tensões políticas passa por formas da autoridade do poder e das práticas sociais em que o indivíduo interioriza regras de comportamentos. O espaço

público e o espaço privado adquirem pouco a pouco tratados de civilidade aprendizagem da leitura, adestramento dos corpos, sociedades de sociabilidade, regulamentos escolares, regulamentos esportivos, associações) o costume da não violência , ou a menos de uma violência controlada, em que o processo de civilização permite a numerosas áreas do social conhecer uma relativa serenidade ”.¹⁸

Marcel Mauss, sociólogo e antropólogo que nasceu no século XIX e viveu sua vida adulta no contexto da Belle Époque, tem em seu discurso a interface com a escrita da historiadora Arlette Farge. Ambos autores refletem em suas obras sobre a questão do corpo humano e as intervenções feitas pelas hegemonias em diversas temporalidades.

Algo que merece ser estudado quando se fala em beleza física é a possibilidade de haver também sutilidades na execução de violências, onde estas podem vir veladas quando dialogam com a sociedade, mas que não deixa de produzir sofrimento. Os discursos médicos, em especial da eugenia/higienismo, foram produzidos em linguagens técnicas, nas quais seus interlocutores eram homens de níveis intelectuais que compartilhavam do ideal para compor o cenário de uma sociedade burguesa. Porém, os ideais de civilidade chegavam à vida privada e social através de propagandas e ensinamentos que perpassam desde as reformas arquitetônicas da cidade como também sobre a higiene do corpo, das residências, das formas de se alimentar, de dormir, de se relacionar afetivamente e sexualmente, entre tantas outras formas normativas que exalavam benefícios ao corpo, à mente

¹⁸FARGE, Arlette. *Lugares para a História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2015, p. 29.

e às emoções. Ser um sujeito belo e estar sempre na condição de ser considerado como tal foi, para muitas pessoas, uma condição de ser e estar feliz.

Quando o assunto é eugenia no Brasil, o nome de Renato Ferraz Kehl é sem dúvida de intensa visibilidade, já que sua formação estava na área da farmácia e da medicina e, dentro desse saber, estava a sua especialidade, a eugenia. É muito importante dizer que os padrões de beleza veiculados na sociedade através de modelos em formas de biotipos corporais e faciais para homens e mulheres foram elaborados através de discursos pensados por uma elite intelectual formada por um grupo de profissionais que, além da medicina, tinham ações políticas e foram atuantes como intelectuais engajados na formação do pensamento nacional. Esses profissionais excederam na área da saúde e na medicina como os médicos Alfredo Ellis, Antonio José Azevedo Amaral, Arnaldo Vieira de Carvalho, Álvaro Fróis da Fonseca, Arthur Neiva, Domingos Rubião Alves Meira, Belisário Penna, Edgard Roquete Pinto, Francisco Franco da Rocha, Hernani de Irajá, José de Albuquerque, José Olegário de Almeida Moura, Júlio Afrânio Peixoto, Juliano Moreira, Juvenal Rocha Vaz, Leonídio Ribeiro, Miguel Couto, Raimundo Nina Rodrigues. Entre outros profissionais atuantes estão os políticos, os juristas, os advogados, os sociólogos, os historiadores e os literatos. Destacam-se entre eles, Adalzir Bittencourt, Alberto Torres, Affonso Taunay, Francisco José Oliveira Viana, Gustavo Barroso, Mario Pinto Serva, Plínio Salgado, Sylvio Romero, e outros antropólogos, sociólogos, juristas, literatos,

historiadores e médicos em diversas especialidades como a atuação de alienistas/psiquiatras, higienistas, sanitaristas, legistas que pensaram, produziram e registraram discursos. Estes foram encontrados durante a pesquisa, em diversos documentos como livros, artigos, catálogos e manuais que fizeram interlocução com o pensamento político do período.

“O desejo de branqueamento, que percorria o ambiente intelectual da época, apontava para a compreensão de que a parte visível da etnia brasileira deveria ser construída e expressa na postura civilizada do corpo. Uma conduta moderada em relação à sexualidade, uma boa aparência estética do corpo, hábitos de higiene, aspirações de acesso social, educação, trabalho, dariam o índice classificador de homens e mulheres para uma taxionomia étnica brasileira. A etnia seria gestada na formação "de um sentimento comum, unido da amálgama de nosso caráter. Ou seja, o branqueamento dar-se-ia por um processo educacional do corpo que o habilitasse para pertencer à parte boa da nação. Ser branco já não significava o pertencimento genuíno ao grupo sangüíneo de origem européia. Para Roquete Pinto, por exemplo, a verdadeira questão nacional não era transformar os mestiços do Brasil em gente branca mas a educação dos que aí se achavam, assegurava, a partir de suas observações em famílias populares, que mesmo sem a intervenção de outro elemento branco, o cruzamento de mestiços fornece prole branca, que a antropologia seria incapaz de separar de tipos europeus. Para Oliveira Viana, ‘... em regra, o que chamamos mulato é o mulato inferior, incapaz de ascensão, degradado nas camadas mais baixas da nossa sociedade... Há porém mulatos superiores, arianos pelo caráter e pela inteligência, ou pelo menos capazes de arianização, ascendendo às altas camadas da nacionalidade e colaborando com os brancos na obra de organização e civilização do país’”¹⁹

¹⁹LUCA, Tania R. De. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: UNESP, 1999. Vale ressaltar que os discursos sobre os biotipos que deveriam ser exemplos de saúde e beleza também foram aplicados as crianças e, para que houvesse bom êxito na

Discursos produzidos, discutidos e divulgados entre os pares da inteligência brasileira no final do século XIX e início do XX, chegaram ao cotidiano social através de outras formas discursivas, de maneira que as interlocuções fossem propagadas de forma convincente e sedutora, e um dos recursos utilizados foi a propaganda publicitária.²⁰

É bastante interessante notar que a anatomia humana também foi exposta e dissecada nas revistas e almanaques quando o assunto era beleza. Porém, como os corpos estavam sempre vestidos devido aos padrões de recato do período, era o rosto, a boca, os dentes, os cabelos, as orelhas, e as mãos que ficavam expostos, o que não significava que o corpo não estivesse incluído em rituais de beleza, como a postura, os gestos e a indumentária.

prática, os discursos médicos ditavam as formas de casamento entre as pessoas, maternagem, aleitamento, alimentação entre outros fatores. Confira: FREIRE, Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

²⁰Nessa pesquisa é utilizado o conceito de propaganda, embora este esteja vinculado à publicidade. Entretanto, é importante esclarecer as distinções e semelhanças entre os dois termos. A publicidade é uma decorrência do conceito de propaganda, mas a publicidade se destina a tornar uma determinada empresa conhecida e vender o seu produto no mercado (termo que aparece por volta de 1925). Já a propaganda se refere às técnicas utilizadas para promover ações individuais ou coletivas à adesão de um dado sistema ideológico político social ou econômico, portanto divulgando a ideia. Edgar Souza Santos na dissertação de mestrado *Elegância e Saúde: as representações da prática de fumar na propaganda, de 1910 a 1940*. PUC SP 2001. p. 24 a 26, discute e esclarece a questão "... o governo brasileiro desejando que o povo beba mais leite, por motivos de saúde, manda fixar cartazes nas ruas e faz em rádio e televisão anúncios estimulando o público "Beba mais leite". Isto é propaganda". Ressalta-se que esta poderia se transformar em publicidade se após a palavra leite fosse acrescentada uma determinada marca, estimulando seu consumo. Conclui-se que a publicidade se destina especificamente ao valor comercial e a propaganda a divulgação de um hábito ou ideia, por isso optou-se pelo conceito de 'propaganda' pois este trabalho está preocupado com a divulgação da ideologia sobre o corpo saudável e belo e o consumo de produtos que auxiliam as pessoas a perseguirem o modelo de saúde e beleza padronizados pelos discursos hegemônicos.

“O embelezamento tendia a se limitar a indumentária, ao uso de alguns produtos para o rosto e os cabelos. Se este livro fosse escrito em 1900, o guarda roupa e a penteadeira ocupariam o centro das atenções. Beleza rimava com trajes bem engomados, sapatos de couro e alguns adereços. Era de bom tom caprichar no penteado e no comedimento dos gestos. Já existia a preocupação com o volume corporal e o viço da pele, mas os tratamentos para a formosura ainda prendiam-se a uma boa dose de cerimônia ao aprumo de uma silhueta ereta, pouco flexível... os artifícios embelezadores eram relíquias guardadas em caixinhas de metal, ao lado de vidros de perfumes que decoravam as penteadeiras. O uso do pó facial mantinha-se mais extraordinário do que cotidiano, uma experiência permitida desde que as devidas restrições de idade e ocasião fossem respeitadas. Os homens apareciam com pouca frequência nos conselhos de beleza. Mas seria errôneo supor que eles não se preocupavam com a própria aparência. Cuidar da barba e do bigode, por exemplo, era tão importante quanto a escolha de um chapéu apropriado e a manutenção da limpeza dos calçados. Muita atenção ao jeito de andar, pois este denotava macheza, força e distinção ou então o contrário. Pomadas para os cabelos e loções perfumadas também agradavam inúmeros mancebos ciosos de um porte firme e forte.”²¹

Os modelos de beleza e o seu oposto estiveram alicerçados nos padrões europeus e/ou estadunidenses já no início do século XX. Na posição vertical, os discursos hegemônicos foram produzidos no meio acadêmico e distribuídos na imprensa periódica. Segundo a obra *A cura da fealdade*, Renato Kehl aponta que:

“A palavra fealdade, aqui empregada, tem uma significação mais ampla do que a do entendimento corrente. Não corresponde à falta de predicados físicos, de graça ou de outros atractivos, que fazem de um homem ou de uma mulher alvo de admiração e sympathy. A fealdade é

²¹SANT’ANNA. Denise Bernuzzi de. *História da Beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014, p.p. 14-15.

encarada, nas páginas que se seguem, sob o ponto de vista galtoniano e, como tal emprestei-lhe o sentido claro de dysgenesia ou cacogenia. Em outros termos ella equivale à anormalidade, à morbidez, assim como a belleza equivale à normalidade, a saúde integral. A eugenia considera belleza normalidade; normalidade esta somática, psíquica e moral. Dentro deste objectivo, admittem os eugenistas, como bello todo o individuo dotado de saúde, vigor e robustez e que apresente uma compleição physica e psíquica normaes. (...)A fealdade, por sua vez, corresponde a anormalidade, a desproporção, a desharmonia. Não pode ser considerado bello o individuo tarado ou doente. A eugenia não admite a dissociação das qualidades somáticas e outras. Um imbecil plasticamente perfeito não é considerado bello, sob o ponto de vista eugênico”²²

Os escritos de Kehl expressam um discurso que se mostra científico e que vai além da aparência, já que faz questão de mostrar que está embasado cientificamente e que supera a estética corporal considerando-a como superficialidade. Ao usar os termos dysgenesia (anormal), cacogenia (degenerado) com base no pensamento eugênico internacional do século XIX quando menciona Francis Galton²³, justifica ser necessário curar o feio que além da aparência possuía também distúrbios psíquicos. Assim como nos discursos sobre o urbanismo, a cidade bela e limpa é também a cidade saudável e

²² KEHL, Renato. *A Cura da Fealdade*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, 1926, p. 5 e 27.

²³ Francis Galton (1822-1911), primo de Charles Darwin e um de seus primeiros seguidores. Criador da biometria, disciplina que aplica os métodos estatísticos à biologia, e especialmente ao estudo da hereditariedade, é considerado o pai da eugenia. Publica seu primeiro livro *Hereditary Genius* em 1869, e usa, pela primeira vez, o termo eugenia em 1883 (em inglês *eugenics*, do grego *eugenes*, que significa “bem-nascido”). PICHOT, André. *O eugenismo: genetistas apanhados pela filantropia*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995, p. 18-19. Para saber mais sobre Francis Galton, consultar também os trabalhos: PELÁEZ, Raquel Alvarez. *Sir Francis Galton, padre de la eugenesia*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Cuadernos Galileu, 1985; e GALTON, Francis. In: DIWAN. Pietra Stefânia. *O Espetáculo do feio: práticas discursivas e redes de poder no eugenismo de Renato Kehl*. p. 19.

civilizada, e o corpo humano belo, higienizado, desodorizado traz consigo a saúde e a civilização. Com base nos discursos hegemônicos, em especial o da medicina, as propagandas de produtos de toalete²⁴ propõem o embelezamento e, com isso, a modificação do corpo como se fosse um tratamento contra a feiura mediante os padrões pré-estabelecidos embasados na ciência médica até hoje. Modelos de beleza femininos e masculinos foram divulgados através do discurso imagético e hábitos de consumo para a melhoria da aparência. Segundo Sant’anna:

“No Brasil, antes da proclamação da República, a beleza já era vendida em forma de pós, perucas, perfumes, além de roupas e joias. Os alfaiates existiam desde o século XVI e também serviam como cabelereiros. As costureiras formavam um ofício feminino importante, e suas clientes compravam os tecidos em lojas de fazendas e armarinhos localizados, e, geral, na parte central das cidades. Mais tarde, quando apareceram as revistas ilustradas, alguns desses estabelecimentos comerciais foram anunciados pela propaganda impressa, assim como a venda de loções perfumadas para a pele, sabonetes e tinturas.”²⁵

Para compor a paisagem naquele contexto, as imagens das principais cidades europeias, entre elas Paris e Londres, foram fundamentais para a formação do imaginário²⁶ sobre os conceitos de

²⁴A palavra toalete do francês *toilette* corresponde ao ato de se lavar, se pentear, se maquilar, se vestir para apresentar-se publicamente, ou cuidar do corpo e da face para poder repousar em um ambiente privado como o quarto como a pesquisa pretende investigar os resíduos da Belle Époque na atualidade optou-se aqui pela escrita toalete ao invés de *toilette* como era usado no século XIX e início do XX.

²⁵SANT’ANNA. op. cit. p.19.

²⁶Compreende-se por ‘imaginário’ o lugar onde se fixam as expectativas, as aspirações, os medos, os conflitos, entre outros elementos, formulados através das vivências e experiências humanas e que passam a ficar guardadas nas mentes, produzindo imagens e representações. Conforme Morin esclarece: “O imaginário é o além multiforme e multidimensional de nossas

civilização e modernidade, estes que deveriam ser concretizados em hábitos corporais de higiene, beleza e saúde que passaram a formar a mentalidade do que era estar inserido dentro daquele paradigma.

O ambiente higienizado e saudável das ruas e dos estabelecimentos deveriam ser frequentados por corpos que fossem apropriados àquele espaço/lugar conforme a divulgação de imagens nas revistas, nos jornais e nos almanaques. Através das propagandas, esses veículos divulgavam, além de produtos que prometiam a higiene e o embelezamento, hábitos de sociabilização civilizada conforme o gosto e imposição dos discursos hegemônicos, como aqueles que foram produzidos pelos médicos. Vale ressaltar que havia uma intensa interlocução entre o saber médico e o farmacológico, no qual muitos médicos que atuavam no período também tinham formação farmacêutica como o próprio Renato Kehl que, em 1909, com vinte anos, formou-se em farmácia pela Escola de Farmácia de São Paulo e, em 1915, com vinte seis anos, concluiu o curso de medicina pela faculdade de medicina do Rio de Janeiro.

Durante a pesquisa, foi encontrado nitidamente o diálogo intrínseco entre os referidos saberes citados. Duas fontes documentais

vidas, no qual se banham igualmente nossas vidas. E o infinito jogo virtual que acompanha o que é atual, isto é singular, limitado e finito no tempo e no espaço. É a estrutura antagonista e complementar daquilo que chamamos real, e sem a qual, sem dúvida, não haveria o real para o homem, ou antes, não haveria realidade humana (...). Dá uma fisionomia não apenas aos nossos desejos, nossas aspirações, nossas necessidades, mas também às nossas angústias e temores. Liberta não apenas nossos sonhos de realização e felicidade, mas também nossos monstros interiores, que violam os tabus e a lei, trazem a destruição, a loucura ou o horror. Não só delinea o possível e o realizável, mas cria mundos impossíveis e fantásticos. Pode ser tímido ou audacioso, seja mal decolando do real, mal ousando transpor as primeiras censuras, seja se atirando à embriaguez dos instintos e do sonho” In: MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no século XX*. O espírito do Tempo, neurose. Rio de Janeiro: Forense 1967.

de bastante relevância foram: o Almanaque “O Pharol da Medicina” da empresa Granado que era uma publicação com informações diversas, diversões e, claro, divulgação dos produtos da Granado. O primeiro exemplar é de 1887 e o último, 1943. Foi uma publicação de enorme tiragem que chegou à 200.000 exemplares em 1913 e foi distribuída gratuitamente por todo o Brasil. Através dessa divulgação, farmacêuticos das cidades do interior podiam fazer suas encomendas de medicamentos.²⁷ Havia também a Revista Brasileira de Medicina e Farmácia da mesma empresa e que teve seu primeiro número em 1925. Essa foi uma publicação acadêmica, dirigida aos médicos e aos farmacêuticos, com publicação de estudos de casos de diversas doenças e a intervenção dos médicos. Nesses documentos não há propagandas de produtos. É eminentemente a técnica dirigida aos profissionais da área.

Na busca pelo ambiente da Belle Époque, a pesquisa encontrou diversas iconografias sobre o período. Entre fotografias, anúncios de produtos e cartões postais foram encontrados os discursos médicos diluídos como normas a serem seguidas. Na sequência, as imagens deixam explícito o cenário montado como o palco para que determinadas personagens pudessem se apresentar e exibir o que o capital podia comprar na Paulicéia entre os finais do século XIX e início do XX.

Nessa breve análise das imagens, tem-se os sujeitos históricos frequentadores das ruas do centro da cidade devidamente trajados com

²⁷Sobre esse assunto confira: GALVÃO, Hermes. *Granado*. Rio de Janeiro. Nova York: Assouline. 2019.

seus corpos higienizados como pode ser visto nas imagens 1 e 2, onde a figura feminina aparece em primeiro plano. Na mesma rua e em outra data, observa-se uma placa em alerta para a saúde da mulher. Embora essa pesquisa não esteja focada nos corpos femininos, eles foram alvos de diversas intervenções das hegemonias, entre elas estiveram a medicina na formação do imaginário sobre o feminino.²⁸ Vale ressaltar que a beleza masculina também foi construída historicamente e que, no referido período, um homem era considerado belo se a masculinidade e a virilidade estivessem em interface com o seu ser.



Figura 3 - 1906 - Mulheres passeiam na esquina da rua 15 de Novembro com a travessa do Comércio

Fonte: site Geografia Para Todos²⁹

²⁸COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história* – Dourados, Mato Grosso do Sul: Ed. UFGD, 2014.

²⁹Disponível em: <http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=s1200> Acesso em 11/02/2019.



Figura 4 - Rua 15 de Novembro
Fonte: Aurélio Becherini em 1911³⁰

Os discursos médicos extrapolaram a academia intelectualizada e o espaço público, adentrando nos espaços privados. As imagens abaixo trazem conselhos para a desodorização e higiene como também a forma de se vestir e manter a residência inclusa na modernidade, com parâmetros de higiene e conforto em família. Em comum, as figuras trazem hábitos de consumo e modelos de vida elitista, na qual seu reverso trouxe insatisfação e tristeza aqueles que não podiam pagar o ingresso de ser e parecer belo e higienizado.

³⁰Disponível em: <https://saopauloesuasruas.wordpress.com/2015/04/26/rua-15-de-novembro/>
Acesso em 11/02/2019.



Figura 5 - Anúncio de produto para limpeza dos dentes
Fonte: Revista *O Malho*, Ano V, nº 210, 22 de setembro de 1906.



Figura 6 - Anúncio de vestuário e oficina de costura
Fonte: Revista *A Lua*, Ano I, nº 1, janeiro de 1910.

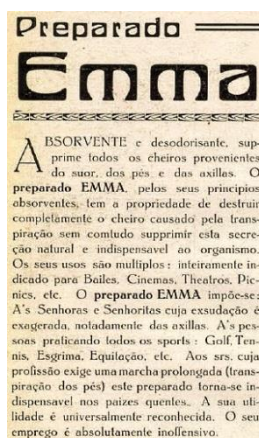


Figura 7 - Anúncio de produto para combater o suor
Fonte: Revista *A Cigarra*, Ano II, nº 20, 21 de abril de 1915.



Figura 8 - Anúncio de eletrodomésticos
 Fonte: revista A Cigarra, Ano I, nº 15, 31 de dezembro de 1914.

“A verdadeira imagem do passado perpassa veloz. O passado só se deixa fixar como imagem que relampeja no momento que é reconhecido. Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência tal como ela relampeja no momento de perigo.”³¹

Benjamin (1987) salienta a subjetividade do historiador que, quando incomodado no tempo presente, parte para a compreensão do passado. Entretanto, isso não significa conhecê-lo como ele, de fato, foi, porque nos apropriamos de uma reminiscência, de um período, de um tema. Dessa forma, o historiador escolhe também os vestígios documentais para seu ofício. Dessa forma, entre discursos médicos, iconografias e reflexões apoiadas na bibliografia foi tecido esse projeto para estudar as tramas da história, os dramas de personagens que estiveram inseridos nos padrões de beleza como, também, aqueles que foram excluídos por serem a imagem do reverso do belo, questões que, hoje, no início do século XXI ainda são incômodas e pertinentes.

³¹BENJAMIN, Walter *Magia e Técnica. Arte e Política. Ensaios sobre literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas.* São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 225.

Bibliografia:

ALVES, Simone. *Influência Francesa nas Cafeterias de Rua da São Paulo do Final do século XIX e Início do XX*. Centro Universitário Fundação Santo André. Relatório Final de Pesquisa para o Programa de Iniciação Científica da CUFSA, PIIC 2012. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Curso de História. Santo André: 2012.

BARBUY, Heloysa. *A cidade exposição. Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo 1860-1914*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006.

BENJAMIM, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Ensaios sobre literatura e história. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOAINAIN, Regiane Magalhães. *Madame Pommery: Na multiplicidade de vozes, a tradição reinventada*. Dissertação de Mestrado. Literatura e Crítica Literária. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

CORBIN, Allain *et. al.* *História da Virilidade*. O Triunfo da Virilidade: O século XIX. Volume 2. Rio de Janeiro: Vozes. 2013.

COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história – Dourados, Mato Grosso do Sul*: Ed. UFGD, 2014

COUTO, José Alberto Ventura. *O papel da Tecnologia na arquitetura modernista de Lucio Costa*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

DIWAN, Pietra. *Raça Pura*. Uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

DIWAN, Pietra Stefânia. *O Espetáculo do feio: práticas discursivas e redes de poder no eugenismo de Renato Kehl*. São Paulo: PUC –SP. Dissertação de mestrado. 2003.

FARGE, Arlette. *Lugares para a História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2015.

GALVÃO, Hermes. *Granado*. Rio de Janeiro. Nova York: Assouline. 2019.

GRAF, Marília. *Propaganda de lá pra cá*. São Paulo: IBRASA. 2005.

GIDDENS, Antony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo, UNESP, 1991.

_____. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Editora. Unesp, 1994.

HOBSBAWN, Eric. *A Era dos Extremos*. O Breve Século XX (1914-1991). São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento*. São Paulo: Hucitec, 1998.

JUNG, C. G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Vol. I. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

KEHL, Renato. *A Cura da Fealdade*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, 1926

JARDINS, Hernandes Marília. *O corset na moda ocidental: Um estudo sociosemiótico sobre a construção do torso feminino do século XVIII ao XXI*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2014.

LUCA, Tania R. De. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação*. São Paulo: UNESP, 1999.

MARSHALL, Berman. *Tudo o que é dólido se desmancha no ar*. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. 2003.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Dolores Duran*. Experiências boêmias em Copacabana nos anos 50. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MIQUELIN, Maria Espíndola. *A Linguagem da Sedução na Publicidade do Cigarro*. Dissertação de Mestrado São Paulo: PUC-SP, 1996.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no século XX*. O espírito do Tempo, neurose. Rio de Janeiro: Forense 1967.

RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: prostituição e os códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1980-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da sociedade disciplinar – Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *História da Beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, Edgar Souza. *Elegância e Saúde “as representações da prática de fumar na propaganda” 1910 a 1940*. São Paulo: PUC dissertação de mestrado, 2001.

SEIGEL, Jerrold. *Paris Boêmia: Cultura, política e os limites da vida burguesa (1830-1930)*. Porto Alegre: LPM, 1992.

SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. São Paulo: Edipro, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: 1993.

SOUZA, Eline Pereira. *Cuidados de si, higiene e estética em tempos republicanos 1889-1930*. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

TUAN, Yi Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

VALDÍVIA, Márcia Barros. *A São Paulo Glamourosa. Encantos e Desencantos. (1949-1959)*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC-SP, 2008.

VALDÍVIA, Márcia Barros. *A Belle Époque arquitetada através da ótica médica. Entre o construir, o demolir e o segregar*. In: AVELINO. Yvone Dias. *Tecituras das Cidades. História, Memória e Saúde*. São Paulo: Paco, 2017.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Imagens da Internet:

SCHPUN, Mônica Raisa. *O nascimento de uma metrópole. Geografia para todos*, 2007. Disponível em: <<http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=sl200>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

RUA 15 DE NOVEMBRO. *São Paulo e Suas Ruas*, 2015. Disponível em: <<https://saopauloesuasruas.wordpress.com/2015/04/26/rua-15-de-novembro/>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

FUNDO RK – Renato Kehl. **Base Arch**. Disponível em: <<http://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/renato-kehl>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

Fontes

Fonte: Revista *O Malho*, Ano V, nº 210, 22 de setembro de 1906.

Fonte: Revista *A Lua*, Ano I, nº 1, janeiro de 1910.

Fonte: Revista *A Cigarra*, Ano II, nº 20, 21 de abril de 1915.

Fonte: revista *A Cigarra*, Ano I, nº 15, 31 de dezembro de 1914.